

Verbetes Metodológico

Grupos focais digitais

Carolina de Paula¹ 

¹Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IESP-UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: carolina.almeidapaula@gmail.com

DOI: 10.17666/ebcs.2026.040

PREÂMBULO

Grupos focais digitais são variações do grupo focal em que a mediação tecnológica deixa de ser acessória, como na gravação ou na transmissão das sessões, e passa a organizar a própria interação entre participantes e moderação. A migração da técnica para ambientes digitais, acelerada, mas não iniciada, pela pandemia de COVID-19, não produziu um procedimento único, mas uma família de arranjos com lógicas de coleta distintas. O verbete distingue três deles: o modelo totalmente remoto, em que todos participam de locais distintos por videoconferência; o modelo híbrido, que reúne fisicamente os participantes e conduz a sessão por moderação remota; e o painel de monitoramento assíncrono, operado por aplicativos de mensagens como o WhatsApp. Como o grupo focal presencial, esses arranjos servem a perguntas sobre como as pessoas constroem, justificam e negociam opiniões em interação, e não sobre a distribuição dessas opiniões na população. O verbete apresenta a origem dos três arranjos, seus procedimentos, vantagens e vieses, exemplos de aplicação e os debates atuais sobre sua validade e sua regulação ética.

SUMÁRIO

1. Histórico e fundamentos epistemológicos
2. Procedimentos principais
3. Vantagens, limites de validade e críticas conhecidas
4. Exemplos de aplicação em ciências sociais
5. Debates contemporâneos e variações
6. Referências bibliográficas

Aprovado em: 28/09/2026

Editor(a) responsável: Adriano Codato



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Enciclopédia Brasileira de Ciências Sociais (EBCS). ANPOCS, 040 - 2026

1. Histórico e fundamentos epistemológicos

O grupo focal nasceu como técnica presencial. Sua origem remonta às pesquisas conduzidas por Paul Lazarsfeld e Robert Merton na Universidade Columbia, nos anos 1940, voltadas a avaliar o impacto do rádio sobre a audiência norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial (Merton & Kendall, 1946; Morgan, 1998; Gatti, 2012; Paula et al., 2024). Por décadas, sua infraestrutura material permaneceu associada à sala de espelho falso (*one-way mirror*), dispositivo que permitia a clientes e pesquisadores observar a sessão sem interferir na dinâmica do grupo. A digitalização da técnica não surge, portanto, de uma ruptura epistemológica, mas da substituição progressiva dessa infraestrutura física por plataformas de transmissão e por aplicativos de comunicação móvel, deslocamento que, no entanto, tem consequências metodológicas que vão além da mudança de suporte.

Essa origem ligada à pesquisa de opinião explica por que a técnica encontrou, décadas depois, um de seus usos mais produtivos no estudo do comportamento político. Diferentemente dos *surveys*, que captam preferências e atitudes de forma agregada, o grupo focal permite explorar o raciocínio por trás de uma posição política, o “porquê” que uma pergunta fechada não formula. Essa vantagem torna a técnica particularmente útil em dois campos de aplicação recorrentes nas ciências sociais brasileiras e latino-americanas. O primeiro é o comportamento eleitoral, no qual grupos focais são empregados para testar discursos de campanha, avaliar a recepção de estratégias de comunicação política e captar as percepções do eleitorado sobre candidatos e parlamentares, frequentemente em combinação com *surveys* e com o monitoramento de redes sociais. O segundo é a avaliação de políticas públicas, campo em que a técnica permite ouvir diretamente beneficiários e gestores de programas sociais e captar dimensões, como a percepção de dignidade ou de reconhecimento, que indicadores quantitativos de cobertura ou de impacto financeiro não alcançam. É precisamente nesses dois campos que a digitalização da técnica ganhou maior impulso, por razões de custo e de agilidade que se tornam decisivas em contextos de decisão política acelerada, como campanhas eleitorais e crises de gestão.

O isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, funcionou como catalisador dessa transição. Aplicativos de videoconferência substituíram as salas físicas em larga escala, tanto na pesquisa de mercado quanto na pesquisa acadêmica. Esse processo não deve ser lido, contudo, como mera adaptação emergencial. A migração revelou vantagens estruturais (redução de custos, ampliação do alcance geográfico da amostra, diminuição do estranhamento provocado pelo ambiente artificial da sala de espelho) que tornaram improvável o retorno exclusivo ao formato presencial mesmo após a normalização sanitária.

Um segundo movimento, de maior ruptura conceitual, ocorreu quando pesquisadores passaram a usar aplicativos de mensagens assíncronas, e não apenas de videoconferência síncrona, como infraestrutura de coleta. Grupos focais on-line assíncronos, conduzidos em fóruns e listas de discussão, já eram praticados desde o início dos anos 2000 (Stewart & Williams, 2005); a novidade está no uso de aplicativos já incorporados à rotina comunicativa dos participantes. No Brasil, um caso de referência é o Painel On-line de Monitoramento de Tendências (POMT), metodologia desenvolvida em 2022 pelo Laboratório de Estudos de Mídia

e Esfera Pública (LEMEP/IESP-UERJ) e aplicada inicialmente no Monitor da Extrema Direita (MED), rebatizado em 2024 como Monitor do Debate Público (MDP). O painel combina elementos do grupo focal tradicional com a lógica da pesquisa de painel e opera de forma predominantemente assíncrona via WhatsApp (Feres Júnior et al., 2026). Esse desenho não é uma simples digitalização do grupo focal presencial, pois ele reformula a própria temporalidade da técnica, historicamente presa à sincronia da condução pelo moderador. O uso de uma ferramenta instalada na quase totalidade dos celulares em uso no país também redefine o que se entende por “ambiente artificial” de pesquisa, aproximando a coleta de dados das interações cotidianas dos participantes.

2. Procedimentos principais

Os grupos focais digitais não formam um bloco procedimental único. Eles divergem quanto à sincronia da interação, ao grau de mediação tecnológica sobre a figura do moderador e às implicações que cada arranjo traz para o desenho amostral. Descrevem-se a seguir os três formatos de maior circulação nas ciências sociais brasileiras.

2.1. Grupos focais totalmente remotos

No arranjo totalmente remoto, moderador e participantes conectam-se de locais distintos, tipicamente de suas residências, por meio de plataformas de videoconferência. O mercado oferece tanto soluções dedicadas a grupos focais, como QuestionPro e TVLink (disponíveis no Brasil) ou Collabito, FocusGroupIt e Remesh (no mercado internacional), quanto ferramentas de uso genérico, como Google Meet, Microsoft Teams e Zoom, adaptadas ao propósito da pesquisa. As plataformas dedicadas replicam digitalmente a função da sala de espelho, permitindo que pesquisadores e analistas acompanhem a sessão sem interferir na dinâmica visível aos participantes.

Do ponto de vista procedimental, o formato dispensa a instalação física de câmeras e microfones e simplifica o registro audiovisual, que passa a ser gerado automaticamente pela própria plataforma. A comunicação entre a equipe de pesquisa e a moderação, antes dependente de contato direto atrás do espelho, passa a ocorrer por *chats* internos da ferramenta, o que agiliza sugestões de aprofundamento sem quebrar o fluxo da conversa. A exibição contínua da imagem e do nome dos participantes na tela também facilita a identificação de quem fala, um ganho não trivial para a condução do grupo.

O recrutamento e o roteiro semiestruturado seguem a lógica geral da técnica presencial (definição do tema, elaboração do roteiro, amostragem estratégica, recrutamento, transcrição e análise), mas a logística de deslocamento deixa de ser um obstáculo, o que amplia o alcance regional da amostra e reduz a taxa de desistência associada ao deslocamento físico até a sala de pesquisa.

2.2. Modelo híbrido: presença física e moderação remota

Um segundo arranjo, menos documentado na literatura metodológica, mas relevante em pesquisas com populações geograficamente dispersas, combina a presença física de parte ou da totalidade dos participantes em um mesmo ambiente com a condução da sessão por um moderador conectado remotamente. Nesse desenho, mantém-se a interação corporal entre os participantes, com seus componentes de comunicação não verbal, como gestos e expressões faciais, que se perdem parcialmente nos formatos totalmente virtuais, ao mesmo tempo em que se dispensa o deslocamento do moderador ou de parte da equipe técnica até um único polo geográfico.

Esse arranjo foi testado e progressivamente aperfeiçoado pela autora deste verbete em pesquisas realizadas em localidades de difícil acesso, nas quais o custo logístico de deslocar um moderador especializado (passagens, hospedagem, diárias de equipe) inviabilizaria a aplicação do grupo focal presencial convencional ou tornaria o projeto financeiramente inviável diante do orçamento disponível. A solução adotada consistiu em firmar parcerias com empresas locais de pesquisa ou comunicação, responsáveis por ceder o espaço físico, montar a infraestrutura de transmissão (microfone, computador portátil, conexão estável à internet) e disponibilizar um assistente presencial, enquanto a moderação permanecia a cargo de um profissional conectado remotamente, com domínio do problema de pesquisa e da técnica.

Essa experiência de campo indica que o sucesso do modelo híbrido depende menos da sofisticação tecnológica do que da qualidade da parceria local. O assistente presencial assume funções que o moderador remoto não pode exercer à distância: recepção e identificação dos participantes, checagem da assinatura do termo de consentimento, mediação de imprevistos técnicos e, em alguma medida, leitura do clima da sala nos momentos de silêncio ou constrangimento, sinalizando-os ao moderador. A viabilidade do arranjo pressupõe, portanto, uma relação de confiança mútua entre a equipe de pesquisa e o parceiro local, e não apenas uma solução de engenharia de transmissão. A principal justificativa para essa opção é prática, pois ela permite recrutar populações concentradas territorialmente (moradores de uma mesma comunidade, beneficiários de uma política pública localizada, eleitorado de um município específico) sem exigir o deslocamento de um moderador especializado a cada praça pesquisada, preservando, ao mesmo tempo, a interação presencial entre os participantes, historicamente associada a maior riqueza de comunicação não verbal.

2.3. Painel de monitoramento assíncrono via WhatsApp

O terceiro arranjo rompe de modo mais radical com a arquitetura clássica do grupo focal, ao abandonar a exigência de sincronia. No modelo do POMT, integrantes previamente recrutados e filtrados por questionário sociodemográfico compõem grupos de WhatsApp moderados por um profissional, nos quais dois ou três temas por semana são lançados para discussão ao longo de um período contínuo de monitoramento.

Na versão vigente, o MDP organiza os participantes em seis perfis, definidos pela combinação de critérios como o voto declarado no segundo turno de 2022, a intenção de voto para 2026 e a avaliação do governo em exercício. São eles: bolsonaristas convictos (BC), que votaram em Bolsonaro em 2022, pretendem votar em Flávio Bolsonaro em 2026, desaprovam o governo atual e aprovam os atos de 8 de janeiro; bolsonaristas moderados (BM), que também

votaram em Bolsonaro em 2022 e desaprovam o governo atual, mas reprovam os atos de 8 de janeiro; indecisos conservadores (IC) e indecisos progressistas (IP), grupos que, no redesenho de 2026, substituíram a antiga categoria de eleitores flutuantes e reúnem, respectivamente, quem votou em Bolsonaro ou em branco ou nulo em 2022 e se posiciona mais à direita na escala ideológica e quem votou em Lula ou em branco ou nulo e se posiciona mais à esquerda, todos ainda indecisos quanto ao voto de 2026; e lulodescontentes (LD) e lulistas (LL), que votaram em Lula em 2022 e pretendem repetir o voto em 2026, diferenciando-se pela reprovação (LD) ou aprovação (LL) da gestão em curso.

O procedimento reorganiza etapas centrais do desenho clássico. O recrutamento segue etapas semelhantes às do grupo focal tradicional (questionário de filtro, termo de consentimento e confidencialidade), mas a divisão em seis perfis combina variáveis-filtro externas, que definem os grupos de discussão segundo comportamento eleitoral e posicionamento político, com variáveis internas aos grupos, tratadas computacionalmente a partir do perfil socioeconômico de cada integrante, o que permite comparações que, no grupo focal presencial, exigiriam a formação de grupos inteiramente segmentados por atributo. O painel não é puramente assíncrono. Parte das interações ocorre em tempo real, entre os participantes conectados no momento, e parte se dá posteriormente, por quem não pôde ou não quis intervir de imediato, liberdade inexistente nos grupos síncronos, presos à condução temporal do moderador. Essa natureza contínua aproxima o desenho de um *tracking* qualitativo de opinião pública e permite à equipe de pesquisa reformular perguntas e aprofundar temas ao longo da própria coleta, algo impossível nos desenhos de “tiro único” (*one shot*) do grupo focal síncrono.

3. Vantagens, limites de validade e críticas conhecidas

Os três arranjos compartilham vantagens associadas à redução de custo e de logística, mas diferem quanto ao tipo de viés que introduzem. O ganho mais evidente e comum aos formatos remoto e assíncrono é a democratização do acesso. A ampla posse de telefone celular no Brasil, que alcançava 87,6% da população de 10 anos ou mais em 2023, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Tecnologia da Informação e Comunicação, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2024), e a quase universalização do WhatsApp entre os aparelhos em uso no país sustentam o argumento de que essas ferramentas não introduziriam, a priori, vieses adicionais de classe, raça, gênero ou região à amostra. Esse argumento, no entanto, deve ser lido com cautela analítica, pois, ainda que o acesso ao aparelho seja amplo, a qualidade da conexão e do pacote de dados disponível permanece desigual, sobretudo em áreas remotas e entre grupos de renda mais baixa. Paradoxalmente, essa limitação tende a afetar mais os formatos síncronos por videoconferência do que o WhatsApp, cujo consumo de dados é comparativamente menor e cuja usabilidade dispensa familiaridade técnica com programas de teleconferência.

A perda mais discutida na literatura é a de elementos comunicativos não verbais. A comunicação humana presencial não se resume ao conteúdo proposicional do que é dito; inclui o próprio ato de dizê-lo, com sua realização fonética e sua entonação, e sua força

ilocucionária, isto é, o que o falante pretende fazer ao dizer algo (Austin, 1962; Searle, 1969), além de gestos e expressões faciais que complementam o conteúdo linguístico. Os grupos síncronos on-line já perdem parte desses elementos em relação ao presencial; o painel assíncrono via WhatsApp perde ainda mais, por prescindir inclusive da voz e da imagem. A relevância dessa perda, contudo, é proporcional ao objetivo da pesquisa. Para temas que demandam sobretudo reflexão, argumentação e elaboração de razões, como preferências eleitorais ou adesão a valores políticos, o conteúdo proposicional tende a ser o elemento analiticamente mais relevante, o que relativiza, sem eliminar, a perda dos componentes não verbais.

Quanto a vieses de seleção, o modelo híbrido concentra o risco inverso ao dos formatos totalmente digitais. Por exigir presença física, tende a restringir a amostra a participantes de uma mesma localidade, o que pode reforçar a homogeneidade de opiniões dentro do grupo, viés já conhecido dos grupos focais presenciais tradicionais, mas potencialmente agravado quando a proximidade física corresponde também a proximidade de rede de convívio (em pequenas cidades, por exemplo). Já o painel assíncrono, por acomodar número maior de participantes por grupo do que os formatos síncronos, tende a ampliar a representatividade interna da amostra e a diversidade de opiniões captadas, ao custo de reduzir o controle direto do moderador sobre o ritmo e a profundidade da discussão de cada participante individualmente.

4. Exemplos de aplicação em ciências sociais

O exemplo mais desenvolvido de aplicação acadêmica do painel assíncrono no Brasil é o MDP, cujos primeiros resultados, da fase em que o painel se chamava Monitor da Extrema Direita, foram apresentados por Feres Júnior et al. (2026). O problema de pesquisa original era acompanhar, ao longo do tempo, as percepções políticas de eleitores bolsonaristas após a derrota eleitoral de 2022. A decisão metodológica central, nessa fase inicial, foi dividir os participantes, recrutados por anúncios públicos on-line e filtrados pelo voto em Jair Bolsonaro no segundo turno, em dois grupos definidos pelo posicionamento diante dos atos de 8 de janeiro de 2023 (bolsonaristas convictos e moderados), permitindo comparações internas e externas a partir de variáveis socioeconômicas coletadas no recrutamento. Ao longo de 26 semanas de monitoramento, esse desenho permitiu identificar diferenças consistentes entre os dois perfis quanto à adesão a valores democráticos e à intensidade da identificação com o ex-presidente, resultado que um desenho de coleta única, presencial ou on-line, dificilmente capturaria, por não permitir observar estabilidade e variação de opinião ao longo do tempo.

O painel foi posteriormente expandido e, em 2026, redesenhado. O antigo grupo de eleitores flutuantes deu lugar aos dois grupos de indecisos descritos na seção 2.3, ao lado dos perfis bolsonaristas e lulistas. Essa evolução ilustra uma vantagem específica do formato de painel contínuo, a possibilidade de redesenhar a segmentação da amostra à medida que o cenário político se transforma, sem descontinuar a série de dados já coletada.

Na América Latina, Calvo-Valderrama et al. (2021) relatam a condução de grupos focais síncronos por videoconferência na Colômbia, durante a pandemia, no âmbito da adaptação

de uma intervenção de saúde mental para adolescentes. O problema era metodológico: avaliar a viabilidade de grupos focais on-line em países de renda média e baixa, onde a técnica foi pouco estudada. A equipe recrutou adultos e adolescentes de duas cidades por amostragem de conveniência, conduziu os grupos pelo Microsoft Teams e registrou em notas de pesquisa as experiências de participantes e moderadores. Os problemas técnicos foram contornados com o uso de uma plataforma já familiar aos participantes, instruções escritas e reuniões de teste, e os adolescentes, ao contrário dos adultos, não tiveram dificuldade com a plataforma. Os autores concluem que o formato é promissor, mas que a velocidade de conexão e o acesso a equipamentos permanecem obstáculos importantes nesses países.

No plano internacional, parte dos parâmetros metodológicos hoje usados no formato remoto síncrono veio da pesquisa em saúde. Archibald et al. (2019) avaliaram, com dezesseis profissionais de enfermagem entrevistados pelo Zoom, a viabilidade e a aceitação da plataforma para a coleta de dados qualitativos e encontraram avaliação majoritariamente favorável, apesar de dificuldades técnicas. Embora trate de entrevistas individuais, e não de grupos focais, esse tipo de estudo consolidou parâmetros, como o manejo de conexões instáveis e protocolos de consentimento gravado, depois adaptados por pesquisadores brasileiros ao grupo focal remoto em pesquisas eleitorais e de avaliação de políticas públicas.

5. Debates contemporâneos e variações

Um primeiro debate em curso diz respeito à validade comparativa entre os três arranjos. Não há, até o momento, consenso sobre em que medida resultados obtidos por painel assíncrono são equivalentes, complementares ou incomensuráveis com os obtidos por grupos síncronos, presenciais ou remotos. A ausência de um corpo consolidado de replicações dificulta afirmações fortes sobre a robustez comparada dos formatos, o que mantém em aberto uma agenda de pesquisa voltada à validação cruzada entre desenhos.

Um segundo debate refere-se aos limites éticos e de proteção de dados específicos da coleta digital. Diferentemente do grupo presencial, em que o material audiovisual permanece sob custódia física da equipe de pesquisa, os formatos digitais dependem de plataformas privadas de terceiros para armazenamento e processamento, o que impõe atenção redobrada às exigências da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018) quanto à anonimização e à guarda do material, sobretudo no caso do painel assíncrono, cuja continuidade temporal implica retenção prolongada de dados pessoais e de opinião dos mesmos participantes.

Um terceiro debate, ainda incipiente, envolve a incorporação de ferramentas computacionais à análise dos dados gerados por esses formatos, seja no tratamento automatizado de variáveis socioeconômicas para comparação interna aos grupos, no caso do painel via WhatsApp, seja no uso de recursos de análise textual em grande volume, quando o monitoramento se estende por muitos meses. Essa tendência aproxima o grupo focal digital, sobretudo em sua variante de painel contínuo, de debates mais amplos sobre métodos digitais e ciência de dados aplicados às ciências sociais, sem que o núcleo qualitativo e interpretativo da técnica seja substituído por tratamento puramente quantitativo.

6. Referências bibliográficas

Textos fundadores e genealogia

Merton, Robert King, & Kendall, Patricia L. (1946). The focused interview. *American Journal of Sociology*, 51(6), 541–557. <https://doi.org/10.1086/219886>.

Stewart, Kate, & Williams, Matthew. (2005). Researching online populations: The use of online focus groups for social research. *Qualitative Research*, 5(4), 395–416. <https://doi.org/10.1177/1468794105056916>.

Manuais e guias de referência

Gatti, Bernadete Angelina. (2012). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Liber Livro.

Morgan, David L. (1998). *The focus group guidebook*. SAGE.

Paula, Carolina de, Nichols, Bruno Washington, Ferreira, Gabriel Bento Leite, & Bergamaschi, Pedro Lenhagui. (2024). Grupos focais em ciência política. In Rafael Cardoso Sampaio & Carolina de Paula (Eds.), *Manual de introdução às técnicas de pesquisa qualitativa em ciência política*. Enap. <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/8513>.

Crítica metodológica

Archibald, Mandy M., Ambagtsheer, Rachel C., Casey, Mavourneen G., & Lawless, Michael. (2019). Using Zoom videoconferencing for qualitative data collection: Perceptions and experiences of researchers and participants. *International Journal of Qualitative Methods*, 18, 1–8. <https://doi.org/10.1177/1609406919874596>.

Referências teóricas

Austin, John Langshaw. (1962). *How to do things with words*. Clarendon Press.

Searle, John Rogers. (1969). *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. Cambridge University Press.

Aplicações empíricas

Calvo-Valderrama, Maria Gabriela, Marroquín-Rivera, Arturo, Burn, Erin, Ospina-Pinillos, Laura, Bird, Victoria, & Gómez-Restrepo, Carlos. (2021). Adapting a mental health intervention for adolescents during the COVID-19 pandemic: Web-based synchronous focus group study. *JMIR Formative Research*, 5(11), e30293. <https://doi.org/10.2196/30293>.

Feres Júnior, João, Paula, Carolina de, & Mangineli, Francieli. (2026). *O bolsonarismo depois da derrota: uma aplicação do método de grupos focais contínuos no WhatsApp* [Preprint]. SciELO Preprints. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14839>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2024). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2023*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102107_informativo.pdf.

VER TAMBÉM:

Grupos focais | *Survey* | Etnografia digital | Análise de texto automatizada/ *Text as data* | Amostragem | Métodos Mistos

COMO CITAR ESTE VERBETE:

Paula, Carolina de. (2026). Grupos focais digitais. In *Enciclopédia Brasileira de Ciências Sociais (EBCS)*. ANPOCS. 10.17666/ebcs.2026.040.